

CENTRAL DO BRASIL

Sérgio Nazar David (UERJ)

*“Queria entender do medo e da coragem,
e da gã que empurrava a gente para fazer tantos
atos, dar corpo ao suceder.”*

(Guimarães Rosa)

Central do Brasil, de Walter Salles Jr., conta a história de uma professora aposentada que complementa sua renda mensal escrevendo cartas para pessoas analfabetas pela módica quantia de um real, cartas que ela jamais enviará. Sentada na sua mesinha, na estação ferroviária chamada “Central do Brasil”, protegida pelo manda-chuva do local (personagem representado por Otávio Augusto), um verdadeiro fora-da-lei e acima da lei, ela é mais uma peça das tantas peças que formam o complexo mosaico de produção e de exploração da miséria, do qual fazem parte, com distintas parcelas de contribuição e anuência, e com diferentes ganhos, extratos diversificados da população.



Antes de entrar na sala do cinema, imaginava que o filme teria como protagonista uma professora dedicada, severa, e que, uma vez aposentada, em vez de ficar em casa cuidando de neto e saindo de vez em quando pra encontrar com alguma ex-colega também aposentada, resolvesse empregar o que ainda tinha de energia ajudando aqueles que têm voz, aqueles que, a despeito de tudo, ainda querem, estando, no entanto, excluídos do mundo letrado. Sabem muito bem o que querem — mandar um beijo pra mãe, agradecer a noite de ardor à amada, xingar o marido de cachaceiro — mas precisariam da mão amiga da bondosa professora.

Mas não foi isto que encontrei.

Dora, inicialmente, faz parte daquele mundo cruel, que determina os que devem ir, os que devem ficar, os que podem dizer, como é prudente que ouçam os que devem apenas repetir o que ouvem, os que podem viver (e, em podendo, como deverão fazê-lo), e os que morrerão, para exemplo aos que colaboram recebendo migalhas (como Dora), aos que

colaboram apenas com o silêncio, aos que porventura pensem em infringir as regras torpes daquele mundo. Podres poderes do nosso tempo, que tentam fazer de todos nós reféns, como se morrer e matar de fome, de raiva ou de sede fossem mesmo gestos naturais, como se tudo pudesse ser reduzido a dinheiro, como se ninguém fosse capaz de fugir, mesmo que num pequeno gesto, da rotina, da banalidade, da mistificação.

Indo e vindo no seu dia-a-dia de correspondências não enviadas, Dora tem seu caminho atravessado pelo menino Josué e sua mãe Ana Fontenele. Esta deixara o marido, segundo ela, um cachaceiro, pra tentar a vida no Rio, e agora resolvera escrever-lhe porque o filho queria conhecê-lo. Dora não envia a carta. Ana Fontenele volta, dias depois, alegando que tinha mudado de idéia, que tinha se arrependido de ter chamado o marido de cachaceiro e de ter dito na primeira carta que atendia apenas a um desejo do filho. Não, naquela segunda carta, que dita novamente a Dora, Ana agora quer dizer ao marido que ela também deseja revê-lo, também sente saudades. Dora também não enviará a carta.

Atropelada por um ônibus, Ana Fontenele morre logo em seguida. Josué fica vagando então sem rumo pela Central do Brasil. Vai procurar Dora e é enxotado. Esta depois acaba acolhendo-o, para vendê-lo, em nome de uma fictícia adoção por casais estrangeiros. Digo fictícia porque na verdade Josué seria morto, e seu corpo utilizado no comércio de órgãos para transplantes. Com o dinheiro da venda de Josué, Dora compra uma televisão.

Mas nem todos são de ferro. E ela, que, adivinhamos, parece ter sido massacrada, e aceitado o massacre durante toda a vida, e parece também ter contribuído para tanto (fico imaginando o tipo de professora que deve ter sido), quando tantos motivos deve ter tido para não fazê-lo, ela, com seus óculos de grau, seu cabelo mal penteado e sebento, com seus ombros arqueados, ela, aparentemente tão disposta a levar à frente uma vida de servilismo, parece pela primeira vez se fazer sujeito: rouba o menino daqueles a quem ela mesma o tinha vendido — e que iriam negociá-lo, como mercadoria. Jurada de morte, Dora começa então a viver.

Quem nunca comeu melado, quando come, se lambuza. Dora não quer mais parar. Ruma pra Bom Jesus do Norte, levando o menino Josué, e sendo levada também. O dinheiro acaba, eles roubam, passam fome, pegam carona, brigam, fazem as pazes, mas o desejo de Josué de encontrar o pai parece ser forte o suficiente para arrastá-los mais do que pode a força humana. E o dela também. Não fosse assim, Dora ficaria ali naquela Central do Brasil, indistinta, sempre igual a si mesma. O mundo não conspira a favor deles. Pelo contrário, o filme de Walter Salles Jr. mostra muito bem que, para pessoas como Dora e Josué, a magia, a religião, as crendices, são apenas e tão somente fonte inesgotável de dor e sofrimento. Para outros, que não aparecem no filme, são fonte de dinheiro (o que terá o Papa conversado com Paulo Coelho?). Rotos e desdentados desfilam pra lá e pra cá como

presas fáceis do interesse alheio, acompanhando procissão e repetindo ladinha. É este Brasil de humilhados e ofendidos que Dora e Josué atravessam, dando corpo ao suceder. Dora sempre meio ranzinza, como se estivesse cumprindo um dever, ou consertando uma merda, repetindo a todo momento que o pai de Josué era um cachaceiro, que não era o que o menino pensava (e dizia) que ele era, que infelizmente ela também tinha um retrato de seu pai, que também ela, Dora, gostaria de esquecer-lo, como Josué deveria esquecer o seu pai. Do mesmo modo como um dia, ela supõe, ele, Josué, irá se esquecer dela.

Atravessando o Brasil, Dora vai em busca da menina perdida que fora, e do pai, perdido também no fundo do tempo. Fugindo do que parece ser uma conspiração mundana regida pelo capitalismo e pelas religiões, Dora e Josué recriam o presente, reconstroem o passado e forjam um futuro a ferro e fogo. Josué encontra seus irmãos e a casa paterna. Dora inventa o que não estava escrito. Para depois partir, renunciando ao que não era seu o suficiente pra justificar a parada. No ônibus, escreve a Josué. E o que diz é nada mais, nada menos, do que: “Josué, você estava certo, seu pai é tudo aquilo que você dizia que ele era”. E mais... Como Josué já tinha dito que queria ser motorista de caminhão: “não se esqueça de mim, de que fui eu que pedi pro Fulano de Tal te botar no colo pra você dirigir junto com ele um caminhão pela primeira vez”. E ainda: “Josué, eu também sinto saudades do meu pai. Sinto saudade de tudo.”

Embora não esteja salva da miséria humana, Dora agora sabe que nem tudo está fadado ao fracasso. É a vitória do desejo, que é celebrada com sangue, suor e lágrimas. Escrevendo a Josué, Dora reingressa no mundo da linguagem, agora não mais para escrever o que lhe ditavam, mas sim para dizer ela mesma, talvez como nunca antes tivera dito, para atar melhor os laços que agora a ligavam à vida. Embora não possa ele mesmo ler a carta de Dora, Josué tem braço, tem perna... Tem boca, pra falar... Tem ouvido... Não é burro... E saberá encontrar quem possa ler a carta de Dora para ele.

De resto, não dobrar a espinha — pra aprender isto, ele parece não ter precisado de Dora. Nem de professora nenhuma.